
XANGÔ



FOGO MATÉRIA E TRANSFORMAÇÃO

FELIPE ANDRADE ROSA
WALDMIR ARAUJO NETO

Edições
CInÊNCIA 

Rosa, Felipe Andrade.

Xangô: fogo, matéria e transformação / Felipe Andrade Rosa,
Waldmir Nascimento de Araujo Neto. –
Rio de Janeiro: Edições CinÊNCIA, 2025.

E-book.

ISBN: 978-65-975520-1-6

1. Xangô – mito iorubá. 2. Epistemologia decolonial.
3. Ensino de Química. 4. Semiótica. 5. Cultura afro-brasileira.
6. Produtos educacionais.

I. Araujo Neto, Waldmir Nascimento de. II. Título.

CDD: 299.6

CDU: 299.6:54:37

DOI: 10.5281/zenodo.19133219

Direitos desta obra
© 2025 – Felipe Andrade Rosa e
Waldmir Nascimento de Araujo Neto

Esta obra está licenciada sob a licença
Creative Commons Atribuição 4.0
Internacional (CC BY 4.0).

Você tem o direito de:
Compartilhar, copiar e redistribuir este
material em qualquer suporte ou formato,
adaptar, remixar, transformar e criar a partir
deste material para qualquer fim, inclusive
comercial, desde que siga a seguinte condição:
você deve dar o crédito adequado
aos autores, colocar um link para a licença e
indicar se foram feitas alterações. Pode fazê-
lo de qualquer forma razoável, mas não de
modo que sugira que os autores apoiam você
ou o seu uso.

Nenhuma restrição adicional. Você não pode
aplicar termos legais ou medidas tecnológicas
que restrinjam legalmente outros de fazerem
algo que a licença permita.

Este e-book destina-se a professoras(es) em formação, docentes da Educação Básica e estudantes do Ensino Médio interessados em compreender as relações entre os mitos de Xangô, a história da Química e modos ancestrais de conceber a transformação da matéria.

Criado como parte de um Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Química, este material apresenta uma leitura histórica e epistêmica que articula elementos da cosmologia iorubá com tradições alquímicas e fundações da Química moderna.

Ao mobilizarmos conceitos centrais no culto a Xangô, o e-book discute como configuram regimes de significação que expressam formas complexas de entender processos materiais e simbólicos no mundo. O objetivo é evidenciar que os mitos de Xangô são dispositivos culturais que elaboram concepções potentes sobre transformação, ordem, justiça e ação sobre a natureza, oferecendo caminhos para repensar epistemologias em sentidos contracoloniais.

Busca-se apoiar o trabalho docente e fomentar a leitura crítica dos estudantes, oferecendo visualidades, textos mitológicos e análises que permitem reconhecer tanto a densidade filosófica dos mitos quanto suas interfaces com a história da ciência, a linguagem química e os modos de produção de conhecimento.

Espera-se que este material inspire práticas pedagógicas sensíveis, criativas e comprometidas com a valorização das ancestralidades africanas.

**Xangô é um
Orixá nas
religiões
africanas e
afro-brasileiras,
senhor do fogo,
da pedra e da
justiça.**



**Foi bravo
guerreiro e
conquistador,
tornou-se o
quarto "Aláàfin"
(rei) do império
de Oyó.**





A antiga região de Oyó, coração político da Yorubalândia, constitui o cenário histórico em que Xangô governou como *Aláàfin*, título que designa o rei supremo do Império de Oyó. Situada estrategicamente entre rotas comerciais, hoje uma região entre a Nigéria e o Benin, Oyó articulava redes políticas, militares e cosmológicas que sustentavam a autoridade do soberano.

XANGÔ ENSINA AO HOMEM COMO FAZER FOGO PARA COZINHAR

Em épocas remotas, havia um homem a quem **Olorum** e **Exu** ensinaram todos os segredos do mundo,

Os deuses que governavam o mundo, **Obatalá, Xangô e Ifá**, determinaram que, por ter se tornado feiticeiro tão poderoso, o homem deveria oferecer uma grande festa para os deuses, mas eles estavam fartos de comer comida crua e fria.

Queriam coisa diferente: comida quente, comida cozida.

Mas naquele tempo nenhum homem sabia fazer fogo e muito menos cozinhar. reconhecendo a própria incapacidade de satisfazer os deuses, o homem foi até a encruzilhada e pediu ajuda a **Exu**.

XANGÔ ENSINA AO HOMEM COMO FAZER FOGO PARA COZINHAR

Esperou três dias e três noites sem nenhum sinal, até que ouviu uns estalos na mata.

Eram árvores que pareciam estar rindo dele, esfregando seus galhos umas com as outras.

Ele não gostou nada dessa brincadeira e invocou **Xangô**, que o ajudou lançando uma chuva de raios sobre as árvores.

Alguns galhos incendiados foram decepados e lançados no chão, onde queimaram até restarem só brasas.

O homem apanhou algumas brasas e as cobriu com gravetos e abafou tudo colocando terra por cima.

Algum tempo depois, ao descobrir o montinho, o homem viu pequenas lascas pretas. Era o carvão.

XANGÔ ENSINA AO HOMEM COMO FAZER FOGO PARA COZINHAR

O homem dispôs os pedaços de carvão entre pedras e os acendeu com a brasa que restara.

Depois soprou até ver flamejar o fogo e no fogo cozinhou os alimentos.

Assim, inspirado e protegido por **Xangô**, o homem inventou o fogão e pôde satisfazer as ordens dos três grandes orixás.

Os Orixás comeram comidas cozidas e gostaram muito.

E permitiram ao homem comer delas também.

Extraído de “Mitologia dos Orixás”
de Reginaldo Prandi (p. 257-258)

O OXÊ DE XANGÔ



Crédito da Imagem: Ricardo Morais - Museu Afro Brasileiro

O machado de duas lâminas (oxê) é o principal símbolo e ferramenta de Xangô. Na mitologia Yorubá representa a justiça, uma lâmina corta a mentira e a outra defende a verdade.

Ao descobrir o segredo do fogo e do raio, Xangô criou o oxê para conduzir e direcionar o raio. Quando ele dança e bate o oxê, provoca o trovão e faz cair o raio.

Como Aláàfin (título exclusivo do rei da cidade de Oyó), Xangô carrega o oxê como cetro de comando. É um emblema do seu poder judicial e executivo.

Nos terreiros, o oxê de madeira entalhada ou de metal é usado nas danças públicas de Xangô. Quando Elégùn (aquele que tem o orixá) bate com o machado no chão, está selando a palavra de Xangô, que não pode ser desfeita.

No panteão Yorubá, preservado na tradição Keto, Xangô tem uma dimensão feminina muito forte.

Diversos Itã (lendas) contam que Xangô veio ao mundo como mulher em algumas encarnações ou caminhos.

Xangô tem a capacidade de parir (simbolicamente) justiça, leis, filhos espirituais e trovões. Por isso, é representado com uma barriga de grávidas e seios em diferentes insígnias.

Sua principal esposa, *Oiá* (lansã), é quem domestica seu lado mais violento, mas Xangô carrega o princípio da fertilidade associado ao raio que fecunda a terra.

Em muitas casas de tradição, Xangô é saudado como “*Obá Kòtó*” (o rei que tem vagina) ou “*Alágbà*” (o ancião que também é fêmea), reafirmando sua posse dos dois princípios criadores.

XANGÔ E A ALQUIMIA

Se articularmos as formas representativas de Xangô com certos emblemas alquímicos, podemos pensar a androginia como um arquétipo universal.

Na tradição alquímica, a união dos opostos é uma condição para alcançar a "Grande Obra" (Magnum Opus).

O princípio masculino, associado ao sol, ao enxofre e ao ouro, representa o ativo, o seco, a força que inicia a transformação. O rei simboliza a vontade, ação.

O princípio feminino, ligado à lua, ao mercúrio, e à prata, encarna o passivo, frio, a matéria que nutre. A rainha evoca a fertilidade, intuição.



Rebis (do latim *Res Bina* = coisa dupla), nome dado ao ser andrógono perfeito que surge na fase final da Grande Obra. Xilogravura do *Rosarium Philosophorum* de Basílio Valentim.

Crédito: Wikimedia

XANGÔ E A FORÇA DE OIÁ

Diz o Itã que certa vez Xangô ousou enfrentar
Oiá (Iansã).

Mas foi ela que se firmou à frente dele, e o
colocou para fora do palácio.

Xangô correu e ficou chorando na floresta,
pedindo perdão.

Iansã ouviu o canto, teve pena e foi atrás dele.
Encontrou Xangô escondido debaixo de uma
árvore de acocô* (árvore sagrada dele).

“Oiá é quem está por trás de Xangô Oiá é
quem segura as costas de Xangô.
Não briguem com Oiá para não
enfrentarem Xangô.
Não briguem com Xangô para não
enfrentarem Oiá.
Porque Oiá é quem segura as costas de
Xangô!”

**Newboldia laevis*

XANGÔ

ALQUIMIA

QUÍMICA



**O fogo e a Pedra
como símbolos de:**

Transformação

Purificação

Energia

Força

**Justiça
e
Equilíbrio**

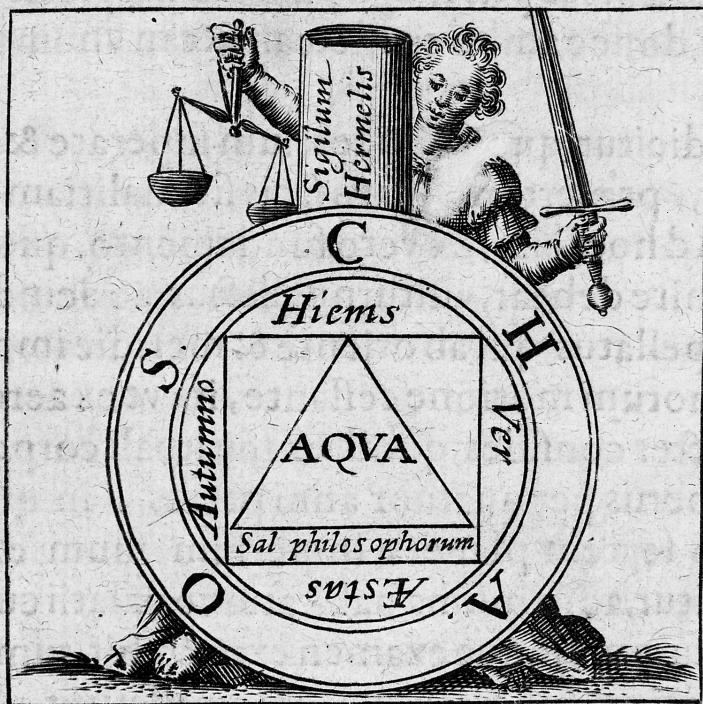
O **fogo** ocupa, simultaneamente, o centro da alquimia e o núcleo simbólico da mitologia de Xangô.

Na tradição alquímica, o fogo é o operador da **transformação**, ele separa e reúne, purifica e combina, dissolve e coagula. É um agente ambíguo, capaz de destruir a forma antiga e produzir a emergência de uma nova configuração da matéria.

No culto a Xangô, essa ambivalência também se manifesta, o fogo é força régia, **princípio de justiça**, potência de reorganização da ordem social e cósmica.

Assim, o fogo que anima a alquimia e o fogo que constitui Xangô convergem em uma mesma gramática da transformação, ambos são forças que **tornam o mundo inteligível** ao modificar a sua própria estrutura.

VII. CLAVIS.



Sétima Chave de Basílio Valentim (Basilus Valentinus),
pseudônimo de Johann Thölde no livro *As Doze Chaves da
Filosofia* (1599).

Crédito: Wikimedia

A Sétima Chave de Basilius Valentinus, no conjunto das Doze Chaves, corresponde ao momento em que a Obra atinge uma etapa de discriminação fina entre elementos, equilíbrio das forças contrárias e purificação pelo fogo.

A imagem clássica mostra uma figura humana posicionada atrás de um triângulo, símbolo alquímico do fogo, sustentando uma balança, símbolo da justiça, da proporção e da distribuição equânime das potências naturais.

O fogo de Xangô e da Alquimia não age ao acaso, incide sobre o mundo com precisão, produz verdade, depuração e ordem.

A figura atrás do triângulo lembra que o operador é implicado na obra, que a justiça é sempre um processo de transformação, e que o fogo, quando equilibrado, não destrói, revela.

ODUM ARÁ, A PEDRA DE XANGÔ

No evento do raio, manifestação do fogo de Xangô e expressão de uma força capaz de reorganizar o mundo material, a descarga elétrica, o calor extremo e o impacto configuram um acontecimento que, na cosmologia africana, da presença do Orixá.

Esse acontecimento inaugura um processo de transformação que, ao condensar-se na forma mineral, dá origem à pedra de raio, corpo sólido que nasce da convergência entre fogo e terra.

No plano ritual e linguístico, a pedra firma a palavra, legitima decisões, sustenta a justiça e organiza práticas coletivas.

Seus usos em assentamentos, ritos e performances mostram que Odum Ará produz continuidade temporal, mantendo ativa a relação entre humanos, divindades e mundo natural.



Uma Odum Ará (quartzito marrom)

Crédito da Imagem: os autores

A **Odum Ará** (do iorubá: *odùn* = pedra, instrumento; *ará* = raio) é um seixo (pedra arredondada) ou lasca de rocha, muitas vezes de formação **sílex** ou quartzito, que, na tradição do Candomblé Ketu e em outras nações, é entendida como o símbolo físico e o receptáculo da força de Xangô.

O sílex é uma variedade de quartzo, composta predominantemente por dióxido de silício (SiO_2). Sua estrutura interna confere ao material elevada dureza e grande estabilidade química, características que o tornaram um dos principais recursos líticos utilizados por sociedades humanas desde o Paleolítico.

Uma de suas propriedades mais marcantes é o uso como pederneira, ao ser atritado contra certos metais **o sílex produz faíscas** capazes de inflamar materiais combustíveis.

Esse efeito resulta da combinação entre sua alta dureza e a fratura vítrea, o impacto arranca pequenas partículas metálicas que, ao se oxidarem rapidamente, incandescem e geram a faísca.

Essa propriedade fez do sílex uma excelente representação de Xangô.

O quartzito é uma rocha composta majoritariamente por grãos de quartzo (SiO_2) formados sob altas pressões e temperaturas. Diferentemente do sílex, que é uma variedade de quartzo formada por processos sedimentares, o quartzito resulta da metamorfose de arenitos quartzosos, nos quais os grãos originais se soldam de maneira tão intensa que a rocha adquire grande compacidade e resistência mecânica.

Ao contrário do sílex, o quartzito não produz faíscas com a mesma eficiência quando atritado contra metal. Embora também seja muito duro, sua fratura não gera o desprendimento de partículas metálicas incandescentes com a mesma facilidade. Assim, enquanto o sílex se destacou como pederneira e matéria-prima para instrumentos cortantes de precisão, o quartzito assumiu um papel mais associado à durabilidade e ao trabalho pesado.

Edun Ará é a própria representação de Xangô nos assentamentos sagrados. A pedra raio, como é conhecida, é seu corpo e altar primordial.

A pedra concentra o axé de Xangô. Está ligada à ideia de que Xangô "desce" como raio cortando mentiras e injustiças.

Jurar sobre uma Odum Ará é considerado o juramento mais solene e temido.

Odum Ará é a comunicação entre o humano e o divino.

Káwó Kábíèsílẹ̀

(Saudação em Iorubá à *Şàngó*)



REFERÊNCIAS

ABIMBOLA, W. Ifá: an exposition of Ifá literary corpus. Ibadan: Oxford University Press Nigeria, 1976.

ABIMBOLA, W. Sixteen great poems of Ifá. Lagos: UNESCO; Iwalewa House, 1977.

BENITE, A. L.; BENITE, C. R. M. Relações étnico-raciais e ensino de química: a Lei 10.639/03 como desafio e possibilidade. Química Nova na Escola, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 256-264, 2016.

BENSAUDE-VINCENT, B; STENGERS, I. A history of chemistry. Cambridge; Harvard University Press, 1996.

REFERÊNCIAS

PARÉS, L. N. Xangô nas religiões afro-brasileiras: “aristocracia” e interações “sincréticas”. Revista Africa(s), v. 1, n. 1, p. 149 - 184, 2014.

PRANDI, Reginaldo. Os orixás e a natureza. Revista Estudos Afro-Brasileiros, Itanhaém, v. 3, n. 1, p. 285-530, jan./jun. 2022.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. A nova aliança: metamorfose da ciência. 3. ed. São Paulo: UNESP, 1984.

OLUPONA, J. K. The Study of Yoruba Religious Tradition in Historical Perspective. Numen, v. 40, n. 3, p. 240-273, 1993.

A imagem na página 23 foi produzida com o auxílio da ferramenta de inteligência artificial generativa *Midjourney*, a partir de um conjunto de descritores textuais (*prompts*) elaborados pelos autores. Os descritores foram construídos com base em referências culturais, simbólicas e epistemológicas relacionadas ao orixá Xangô no contexto do Candomblé. O processo de criação envolveu critérios decorrentes da pesquisa associada a este produto. Buscou-se evitar representações antropomorfizadas e privilegiar uma composição simbólica baseada em elementos materiais e forças da natureza, em consonância com a dimensão ritual e cosmológica associada a Xangô. Os autores desejam que a imagem possa ser compreendida como uma construção visual mediada tecnologicamente, orientada por princípios semióticos, e que visa contribuir para a reflexão sobre outras formas de representação visual no ensino de ciências.

Este Produto Educacional é derivado do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Química (modalidade semipresencial) no Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de autoria de Felipe Andrade Rosa, sob orientação de Waldmir Nascimento de Araujo Neto.

Título: Xangô, Fogo, Matéria e Transformação
Autores: Felipe Andrade Rosa e Waldmir Nascimento
de Araujo Neto

Editora: CinÊNCIA

Ano de publicação: 2025

Projeto gráfico: Felipe Rosa e Waldmir Araujo Neto

Capa: Waldmir Araujo Neto (concepção e direção de arte), com imagem do Oxê gerada por inteligência artificial (prompt criado pelo autor) utilizando DALL-E 3.

Revisão: Felipe Rosa e Waldmir Araujo Neto

Formato: e-book (PDF)

Você pode copiar, distribuir, remixar e usar comercialmente desde que cite os autores e a obra: Felipe Andrade Rosa e Waldmir Nascimento de Araujo Neto. Xangô, Fogo, Matéria e Transformação. Rio de Janeiro: CinÊNCIA, 2025.

Agradecimentos

Agradecemos às professoras Nathalia Terra Barbosa (FE-UFRJ), Rozana Gomes de Abreu (CAP-UFRJ) e Priscila Tamiasso Martinhon (DFQ-IQ-UFRJ) pela disponibilidade e avaliação deste produto educacional. Todas as críticas e comentários foram centrais para alcançar o melhor nessa produção.

ISBN: 978-65-975520-1-6



9 786597 552016